

Desde que o homem é homem, debate-se com o inconformismo interior de exteriorizar tudo aquilo que lhe provoca o pensamento.

Quanto tudo era nebuloso, envolto no mais embrenhado mistério, deu novos mundos ao mundo. Fez da terra o palco escolhido para a representação da comédia Divina; imaginando ser o circuito terreno, o lugar necessário para a redenção suprema.

Mas, à medida que o transcendental foi dando lugar ao natural, logo foi transformando a comédia Divina numa *divina comédia*.

Foi sobretudo sabendo adequar-se às aparentes rebeldias do mundo, foi percebendo que sob o manto da criação mitológica se escondia a proficuidade de uma profunda imaginação poética. Foi percebendo que à medida que testava a sua perspicácia, promovia o prazer da descoberta científica e o vício de tudo querer controlar.

As estórias deram lugar à História. O mito da criação seria ultrapassado pela teoria darwiniana de evolução das espécies.

Por isso, concordando com o filósofo Karl Popper, uma das principais tarefas da razão humana é tornar o universo em que vivemos compreensível para nós.¹ A formação do mito é mesmo um processo de histórias que explicam o mundo enquanto a racionalidade não fornece ainda uma mais plausível explicação. Neste mundo, tudo é provisório, tudo é passível de uma outra explicação, basta que uma nova teoria venha suplantar a anterior.

Quando o homem precisou de comunicar fez do som palavra, criou códigos e signos estritos de reconhecimento. Tornou legível as coisas e fez dos seus registos as mensagens.

¹ Ver Popper, Karl, *O Mito do Contexto*, Edições 70, Lisboa, 1999, pág. 63 e sgg..

Para se situar inventou o espaço, vendo neste situações referenciadas que lhe possibilitaram uma posição relativa dentro de um determinado contexto (tais como: acima, abaixo, atrás, à frente). Na busca do espaço absoluto, implementaram-se métodos e processos projectivos que induziram a modelos relativos de compreensão e manipulação da realidade. Toda a verdade o é, quando circunscrita às observações interpretadas, quando associada ao método de conjectura e de refutação contextualizadas. A realidade é fruto de uma observação interpretada, é a suma do estado corrente da teoria num determinado momento.

Para auxílio do desígnio de tudo controlar, houveram os pitagóricos de propor uma natureza fundada em princípios numéricos, reconhecendo na singularidade dos algarismos a existência de atributos susceptíveis de traduzir modelos estéticos e qualitativos; seria a aritmética a proporcionar o modelo fundador do universo, a conferir a doce e suave harmonia musical, a proporcionar a disposição das partes na arquitectura.

A partir da matemática emergiu a ciência que daria as agrimensuras à Terra, ciência que posteriormente autonomizada faria Platão colocar sobre a porta principal do seu célebre ginásio uma inscrição desincentivando a entrada a quem não for bom em geometria.²

Cansado de um mundo mutável em constantes movimentos de rotação e translação, farto de naturezas aproximativas e imprecisas, o homem precisou dos objectos da geometria para com eles criar um mundo ordenado segundo formas regulares, manipuláveis e facilmente reproduzíveis. A geometria foi uma resposta à necessidade de exactitude e um suporte de estabilidade emocional